

DO PENSAMENTO GREGO AOS ESTUDOS SAUSSURIANOS: A NOÇÃO DE "ESTRUTURA" NO CAMPO DA LÍNGUA(GEM)

Marcen de Oliveira Souza

Mestrado em Estudos Linguísticos – UFU
marcensouza@ig.com.br

Resumo

A noção de estrutura nos estudos sobre a língua não é algo inovador. Conforme Ducrot, essa idéia já permeava os estudos pré-saussurianos (Gramática grega, de Port-Royal, Comparativistas e Neogramáticos) a partir da noção de organização. Se, por um lado, não há menção explícita do termo estrutura nos estudos saussurianos, e sim conceitos teóricos como 'sistema', 'unidades' e 'relações', décadas após a morte de Saussure surge o Estruturalismo Linguístico, atribuindo-lhe o título de fundador desta corrente. Assim, a partir da observação de três momentos na história da linguagem, procuraremos analisar a noção de estrutura, a partir da idéia de organização, antes, no e após o *Curso de Linguística Geral* (1916) de Ferdinand de Saussure. Além disso, a análise desse percurso teórico permite entrever como as ideias de Saussure contribuíram para que a corrente estruturalista do século XX não se restringisse apenas ao campo da Linguística, mas tivesse suas redes conceituais lançadas a áreas das ciências humanas, como a Psicanálise e a Antropologia.

Palavras chave: Organização. Estrutura. Saussure. Sistema. Estruturalismo.

Abstract

The idea of structure in studies on the language is not new. In according to Ducrot, this idea has permeated pre-saussurian studies (Greek Grammar of Port-Royal, Comparatives and Neogrammatism) by the notion of organization. Although there is no explicit mention of the term structure in Saussurian studies but only theoretical concepts such as 'system', 'units' and 'relations', decades after the death of Saussure's the linguistic structuralism emerges, giving Saussure the title of founder of this field. Thus, by focusing three moments in the history of language, this paper aims to examine the notion of structure, from the idea of organization before, in and after Ferdinand de Saussure's *Course in General Linguistics* (1916). The analysis of this theoretical path also reveals how Saussure's ideas contributed to the Structuralism of twentieth century not to be restricted to the field of linguistics, but to extended its conceptual networks to different areas of the Humanities, such as Psychoanalysis and Anthropology.

Keywords: Organization. Structure. Saussure. System. Structuralism.

1. Introdução

É comum considerar Ferdinand de Saussure (1857-1913), a partir do *Curso de Linguística Geral*¹, como o 'fundador' do Estruturalismo Linguístico, corrente que reformulou o conceito de estrutura nas diversas áreas do conhecimento humano. O paradoxo que emerge desta assertiva é que o termo *estrutura* não aparece nas elaborações teóricas de Saussure. Nesse sentido, propomos analisar a noção de *estrutura* – tendo como norte o pensamento saussuriano – recorrendo a três momentos nos estudos da linguagem: i) estudos clássicos (gregos) até os neogramáticos; ii) o *Cours* de Saussure e iii) o momento conhecido como Estruturalismo na linguística e em outras áreas das ciências humanas.

O primeiro momento tem suas origens nos estudos gregos, cuja relação pensamento-lógica faz perpassar a noção de estrutura. Com a *Gramática de Port-Royal* (século XVII) retomam-se os estudos sobre a natureza da linguagem, ainda com a visão logicista dos gregos. A partir do século XVIII, surgem as pesquisas linguísticas conhecidas como comparativistas, cujo objetivo, de acordo com Martelotta (2009), era buscar e reconstituir a estrutura original de uma suposta língua comum.

Segundo Paveau e Sarfati (2003), ao final do século XIX, o movimento dos Neogramáticos ficou conhecido pela proposta das *leis fonéticas*. Já em Saussure – apesar de o linguista ter pertencido a esse movimento e de reforçar suas contribuições –, vemos surgir uma mudança radical em relação às noções de linguagem. A contribuição do *Curso de Linguística Geral* terá uma notável amplitude no campo da linguagem, tendo em vista que o vocábulo *estrutura*, em momento algum citado explicitamente no *Cours*, dará origem não apenas ao Estruturalismo Linguístico, mas influenciará outras áreas das ciências humanas.

¹ O *Curso de Linguística Geral* (Fr. *Cours de Linguistique Générale*), conhecido como *Cours* ou CLG, foi organizado e editado por Bally e Sheehy e publicado em 1916, ou seja, após três anos da morte do mestre genebrino, sendo que sua constituição foi realizada a partir de anotações dos alunos durante as aulas que Saussure havia ministrado na Universidade de Genebra, entre 1907 e 1911.

2. A noção de estrutura, antes do *Cours*

Se a noção de estrutura pode ser compreendida como uma organização regular, Ducrot (1970, p. 24) afirma que “a pesquisa de estruturas linguísticas é tão velha quanto o estudo das línguas”. De certa forma, a pergunta que se coloca em relação às pesquisas sobre a linguagem, desde a antiguidade, é “qual a natureza da língua?” (Silveira, 2009, p. 39). A busca por uma resposta para esta questão implicou elaborações, reflexões e hipóteses que resultaram em noções como organização, sistema e estrutura.

Segundo Martelotta (2009), os gregos da antiguidade sugeriram reflexões tanto sobre a natureza quanto sobre o funcionamento das línguas. Para este autor, a gramática grega deu origem às gramáticas *tradicional* e *histórico-comparativa*. A primeira culminou no modo de ensino presente nas escolas atuais e a última influenciou os estudiosos da linguagem no século XVIII até a segunda metade do século XIX.

Observa-se, neste período clássico, que a *natureza da língua* baseava-se na visão de que o pensamento, de certo modo estruturado, moldava as línguas. Discutia-se também a natureza da língua – como no famoso *Diálogo de Crátilo* de Platão (427-347 a.C [1988]) – a partir de sua relação com o mundo empírico, procurando, por meios dedutivos, as razões inerentes entre os vocábulos e as respectivas coisas que estes termos, supostamente, representavam.

Essa concepção teve uma enorme repercussão, de modo que “Até o fim do século XIX, os filólogos concordam em definir a língua como expressão do pensamento” (Ducrot, 1970, p. 26), tendo seu apogeu na *Gramática de Port-Royal* do século XVII. Entretanto, no período entre os séculos XVII e XVIII, há um avanço nos estudos sobre a linguagem, em que se concebem as línguas como “[...] uma organização autônoma, independente do objeto cuja imagem veiculam” (Ducrot, 2009, p. 30).

Avançando para o período da Gramática Comparada ou histórico-comparativa (séculos XVIII - XIX), Paveau e Sarfati (2003) relatam que as pesquisas dessa época ocorreram após a 'descoberta' do sânscrito. Assim, o foco eram as relações de parentesco entre duas ou mais línguas, separadas no tempo e, às vezes, geograficamente. Saussure (1973, p. 8) ressalta que uma das contribuições da Gramática Comparada foi compreender "que as relações entre línguas afins podiam tornar-se matéria duma ciência autônoma".

Destacam-se, neste período, além de F. Bopp, linguistas como Jacob Grimm, Curtius e Schleicher, que contribuíram para as diversas interpretações dos fenômenos fonéticos relacionados aos processos históricos. Nas palavras de Saussure (1973, p. 10),

Tal escola, porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Linguística. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria.

As últimas décadas do século XIX foram marcadas pelos estudiosos denominados de Neogramáticos. Segundo Martelotta (2009), este movimento teve como mérito apresentar as *leis fonéticas* e conceitos elementares em relação ao funcionamento da linguagem. Rompe-se, neste período, com a tradição aristotélica, buscando uma abordagem voltada para o social e cultural. Silveira (2009, p. 43) retrata esse momento como uma interdição da busca pela língua de origem, em que a procura de leis fonéticas pelos neogramáticos abria uma "(...) possibilidade maior para a noção de sistema". Contemporâneo deste movimento, Saussure (1973, p. 12) menciona os neogramáticos no *Curso de Linguística Geral* e atribui-lhes o mérito de não mais conceber a língua como um organismo autônomo, "[...] mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos".

De modo geral, enquanto os estudos gregos mostravam a língua organizada a partir do pensamento, os gramáticos de Port-Royal abordavam a noção de estrutura a partir da concepção de gramática da língua. Dos comparativistas

até os neogramáticos, nota-se, cada vez mais, um olhar voltado para o funcionamento da língua, distanciando-se da visão da língua como reflexo do pensamento e colocando-a em um patamar próximo a um sistema autônomo, independente da realidade exterior. Passemos agora outra a outra fase do pensamento linguístico, aquela em que Saussure, a partir de sua noção de sistema, propôs um novo olhar para a idéia de estrutura, delimitando a língua como objeto da ciência linguística, com o objetivo de compreender o próprio sistema da língua, isto é, sua estruturação, num viés sincrônico.

3. A noção de *Estrutura* em Saussure

Apesar dos estudos pré-saussurianos visualizarem a estrutura da língua a partir da idéia de uma organização gramatical, reflexo do ato de pensar, e como representação da realidade, duas reflexões deste período foram fundamentais para as novas concepções linguísticas: a) a partir da análise das palavras, observou-se certa arbitrariedade nas regularidades da língua e b) as leis fonéticas foram constituídas pelos neogramáticos.

Neste aspecto, Ducrot (1970) assinala que o Estruturalismo² teve na Linguística um percurso bastante diferente de outros ocorridos dentro das ciências humanas. Nas palavras deste autor (1970, p. 26)

O Estruturalismo do século XX não terá (...) de introduzir, em Linguística, a noção de Estrutura, que nela se encontra desde o começo. Sua originalidade será antes estabelecer, pela reflexão acerca da língua, uma nova significação para essa palavra; transformar a idéia de estrutura e não aplicá-la.

Nesta passagem de Ducrot, nota-se que, em lugar do termo "Estruturalismo", podemos inserir o nome de "Saussure" apropriadamente. Não foi, portanto, o Estruturalismo que estabeleceu esta nova significação, mas sim Saussure, como destaca o próprio Ducrot (1970, p. 55) em outra passagem:

² Não trataremos, ainda especificamente, do movimento estruturalista, mas a menção do termo estruturalismo se faz necessária, para esse momento da presente exposição.

[...] Acreditamos descobrir, ao contrário, desde o século XVIII e XIX a idéia de que cada língua possui uma organização que lhe é própria e que merece, por sua regularidade, ser considerada como uma ordem. O papel de Saussure não é, pois, o de introduzir esse tema, e sim o de ter reencontrado, e, sobretudo ter podido impô-lo [...].

Deste modo, vemos Saussure transformar a idéia de Estrutura no estudo da linguagem. Entretanto, que noção de *estrutura* é esta que os estruturalistas do século XX puderam atribuir e extrair a partir do pensamento saussuriano, visto que este termo sequer é mencionado no *Curso de Linguística Geral*? Que percurso teórico Saussure traçou para que fosse cunhado o termo "Estruturalismo", tendo sido atribuído a ele (Saussure) o *status* de 'fundador' dessa corrente? Postas estas questões, recorreremos aos principais pontos teóricos do *CLG* que indicam a noção de "Estrutura" presente em Saussure.

Inicialmente, Saussure delimitou a língua como objeto da Linguística e fixou marcos em suas reflexões: a distinção entre fatos da língua e fatos da fala e entre estudos sincrônicos e estudos diacrônicos. Considerando, então, a amplitude e a dificuldade em abordar os fenômenos linguísticos em ambas as direções, Saussure (1973, p. 16) enfatiza que "É necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem".

Assim, situar-se no percurso da língua é observá-la como um sistema estabelecido, possibilitando estudar a organização deste sistema num estado do tempo (sincronia). Não que Saussure tenha ignorado outros fatos da linguagem, como o falante, por exemplo, e mesmo a noção de diacronia, mas é evidente a ênfase dada por Saussure ao estudo da língua a partir de sua própria "estrutura".

Isso posto, Saussure (1973, p. 23) definirá que a língua "[...] constitui-se num sistema de signos, onde de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica", e, em outro momento, que a "A língua é um sistema de signos que exprimem ideias [...]"(SAUSSURE, 1973, p. 24). Saussure é radical, pois sua definição de língua implica eliminar tudo que é exterior a este sistema, assinalando que a língua, como objeto exclusivo da Linguística, é

"[...] um sistema que conhece somente sua ordem própria" (SAUSSURE, 1973, p. 31).

Após esta delimitação da língua como objeto científico, Saussure (1973, p. 79) busca compreender a natureza da estrutura da língua, advogando que esta não é uma nomenclatura, "vale dizer, uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas". Para isto, Saussure define o conceito de signo, cuja própria estrutura é dada a partir de dois elementos: o significado e o significante. Nesta relação, estabelecida entre ambas as partes do signo, Saussure (1973, p. 80) ressalta que "(...) Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro". Com isto, dado que a relação se estabelece entre as unidades do sistema, não mais se vê a língua como representante de uma realidade exterior, tampouco como reflexo do pensamento.

Para além da relação entre significado e significante, Saussure introduz a problemática da delimitação das unidades deste sistema, que surge da necessidade de se demonstrar como a língua se estrutura. Ducrot (1970) argumenta que, se a matéria fônica é tão amorfa quanto o pensamento, quais as chances de sucesso para que se segmente a língua em suas respectivas unidades? A resposta pode ser visualizada a partir da relação que surge entre as ideias e os sons, conforme vemos na figura 1 abaixo, proposta por Saussure (1973, p. 121):

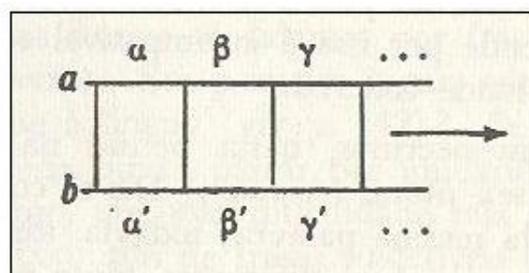


Fig. 1

Nesta figura, Saussure (*idem*) considera a cadeia (a) como o segmento dos conceitos e a cadeia (b) como o segmento das imagens acústicas, ressaltando

a existência de uma correspondência entre os elementos de ambas as cadeias. Diante disso, Martelotta (2009, p. 54) ressalta que Saussure “queria demonstrar que os elementos de uma língua não estão isolados, mas formam um conjunto solidário”. Assim, se a língua é um sistema, faz-se necessário analisar sua estrutura e a forma como ela é organizada. Este autor afirma, então, que é destas noções que surgem os termos *gramática estrutural* e *estruturalismo*.

Essa relação entre o conceito de sistema em Saussure e a noção de estrutura (pós-Saussure) pode ser esclarecida segundo Paveau; Sarfati (2003, p. 83), ao ressaltarem que

O termo sistema (do grego *sýstēma*) designa uma reunião, e, desde o século XVII, um conjunto que constitui um todo orgânico. É aproximadamente nesse sentido que Saussure utiliza o termo no CLG para dar uma primeira caracterização da língua ('sistema de signos'). Considerando rigorosamente essa definição bastante geral, ela não diz nada sobre a maneira pela qual é organizado o 'todo orgânico' que constitui um sistema dado (linguístico ou outro). É aí que intervém precisamente o conceito de estrutura, posto que ele vem designar e qualificar um certo tipo de relação entre os elementos que se compõe no 'todo orgânico' em questão. De fato, a definição completa da palavra sistema inclui uma especificação suplementar: um sistema é um conjunto que constitui um todo orgânico e que possui uma estrutura.

Neste aspecto, entendemos que a noção de estrutura no pensamento saussuriano advém do ponto de vista e da análise de Saussure, considerando a língua enquanto sistema que possui uma ordem própria. Essa ordem interna é marcada a partir do modo como as unidades desse sistema se relacionam, isto é, como esse sistema é estruturado, de tal forma que cada unidade depende da existência de outra unidade para o funcionamento e manutenção do todo linguístico.

4 A noção de estrutura, após o *Cours*

Saussure ministrou os cursos de Linguística Geral entre os anos de 1907 e 1911 e, como vimos, o *Curso de Linguística Geral* foi publicado, postumamente, em 1916, por alguns de seus alunos. Assim, a influência desta

obra se dá a partir de uma divisão entre o Estruturalismo europeu e o Estruturalismo norte-americano. Começamos, então, por este último.

A influência de Saussure na Linguística americana teve pontos assaz diferentes com relação à sua influência na Europa. Os linguistas norte-americanos, principalmente Bloomfield e Sapir, foram bastante influenciados pelos trabalhos linguísticos de Whitney (1827-1894) e do antropólogo Franz Boas (1858-1942), de modo que a noção de sistema em Saussure não se aplicou aos trabalhos produzidos nos Estados Unidos.

De acordo com Falk (2004), os trabalhos de Bloomfield sobre a estrutura da língua Tagalog, datados de 1915 e 1916 foram realizados antes de qualquer contato com as formulações saussurianas no início do século XX. Após ter lido o *Curso de Linguística Geral*, Bloomfield (*apud* Falk, 2004) irá considerar a fala numa perspectiva diferente da dicotomia saussuriana (língua-fala), apontando que a *parole* não deve ser tomada separadamente do sistema 'língua', mas inerente ao próprio funcionamento deste sistema.

Neste sentido, Falk (2004) assinala que (contrário de Saussure³) os atos de fala para Bloomfield ganham importância no estudo das línguas. Além disso, esta autora mostra que para Bloomfield a contribuição de Saussure foi a de ter dado uma base teórica para os estudos linguísticos. Embora o estruturalista norte-americano tenha mencionado Saussure em alguns estudos, o fato é que “[...] did not adopt Saussurean terms [...]”⁴ (FALK, 2004, p. 111).

Em se tratando de Sapir, Costa (2009, p. 125) ressalta que os estudos linguísticos de Sapir

[...] rompem os limites do estruturalismo saussuriano, uma vez que adotam o postulado de que os resultados da análise estrutural de uma língua devem ser confrontados com os resultados da análise estrutural de toda a cultura material e espiritual do povo que fala tal língua [...].

³ Para Saussure, é necessário observar a língua separada da fala, considerando a língua como um sistema homogêneo, social em oposição à fala, que é sempre individual.

⁴ **Tradução nossa:** “[...] não adotou os termos saussurianos [...]”.

No âmbito da Linguística europeia, Puech (2004) pontua que a recepção do *CLG* pode ser dividida em quatro fases. A primeira se dá com a publicação desta obra em 1916, o que por sua vez gerou diversos debates em relação ao real pensamento de Saussure, isto é, entre aquilo que ele havia realmente escrito, o *Mémoire sur lês systéme des voyelles en indo-européen*, e a publicação do *Cours* pelos seus alunos.

De acordo com Puech (2004) na segunda fase, realiza-se o congresso em Hayes (1928), seguindo outros congressos (Eslavo e os manifestos de Praga), em que se destaca o *CLG* como um dos pilares nos estudos linguísticos, influenciando os trabalhos de Mathesius, Martinet, Jakobson, Troubetzkoy, Hjelmslev, Brondal, entre outros.

Neste sentido, Ilari (2005) argumenta que o círculo linguístico de Praga produziu deslocamentos teóricos, a partir das ideias de Mathesius, como a noção de que a comunicação interage na produção do conhecimento e das situações. Além disso, a ideia de comunicação também teve efeitos na teoria das funções da linguagem (conativa, expressiva, fática, informativa etc.), formuladas por Roman Jakobson. Nessa fase, as ideias de Saussure resultaram em uma nova corrente linguística, cujos autores – alguns deles aqui mencionados – nomearam-se de Funcionalistas.

Na terceira fase, Puech (2004) destaca que o *CLG*, como obra estruturalista⁵, tornou-se propriedade comum dos linguistas, sociólogos, antropólogos e filósofos. Este autor assinala que o filósofo Marleau-Ponty teve um papel importante como mediador das ideias estruturalistas entre estudiosos de então, como Lévi-Strauss, Lacan e Jakobson.

⁵ De acordo com Puech (2004), o termo "Estruturalismo" teve seus primeiros usos a partir do artigo de Cassirer, em 1945, na revista *Word*.

Autores como Ungar (2004) e Pêcheux (1998) destacam esta terceira fase como um *retorno às origens*, em que os escritos do *Cours* tiveram um papel fundamental no pensamento francês, nas décadas de 50 e 60 do século XX. Para Pêcheux (1998, p. 11),

O aparecimento na França de uma nova corrente filosófica, epistemológica e politicamente bastante heterogênea, mas que constitui seu espaço pela referencia a três nomes fundadores e à (re-)leitura de suas obras: Marx, Freud e... Saussure. A própria designação desta nova corrente pelo nome de estruturalismo manifesta a posição-chave que o novo materialismo da estrutura atribuía à Linguística enquanto ciência-piloto.

Em Lacan, observa-se não apenas um retorno a Freud, mas também às ideias saussurianas. A releitura que Lacan postula sobre o inconsciente é fundamentado a partir da relação que ocorre entre o significante e o significado. Neste sentido, Lacan afirma que o significante terá primazia sobre o significado, a partir da barra que os separa, de forma que o efeito da linguagem sobre o falante dar-se-á a partir da cadeia de significantes. É neste sentido que Lacan (1964/1985, p. 25) postula que o "inconsciente é estruturado como uma linguagem". Além disso, ao proceder com as bases psicanalíticas nesta relação inconsciente X linguagem, Lacan (*idem*, p. 26) ressalta que

Hoje em dia, no tempo histórico em que estamos, de formação de uma ciência, que podemos qualificar de humana, mas que é preciso distinguir bem de qualquer psicossociologia, isto é, a linguística, cujo modelo é o jogo combinatório operando em sua espontaneidade, sozinho, de maneira pré-subjetiva – é esta estrutura que dá seu estatuto a inconsciente. É ela, em cada caso, que nos garante que há sob o termo de inconsciente algo de qualificável, de acessível, de objetivável.

No campo dos estudos antropológicos, Ungar (2004) destaca que Lévi-Strauss utilizou alguns conceitos da linguística estrutural, procurando alcançar os mesmos êxitos obtidos na Linguística e nos estudos antropológicos. Entretanto, este autor mostra que Levi-Strauss possivelmente teve um contato indireto com Saussure, isto é, através dos estudos de Jakobson. Claude Lévi-Strauss deu origem ao livro *Anthropologie structurale* (Antropologia Estrutural), publicado na França em 1957. No capítulo dois desta obra, Lévi-Strauss traça um paralelo entre uma análise estrutural em Linguística e em Antropologia. A aplicação da noção de estrutura é perceptível nas elaborações de *sistemas de*

parentesco, sistema terminológico (vocabulário) e *sistema de atitudes* (aspectos psicológicos e sociais).

É a partir da aproximação dos estudos propostos por Saussure no campo da linguagem que Lévi-Strauss aplica tais noções aos estudos antropológicos. A noção de sistema, regras e de relações apontadas no CLG estará explícita nestes estudos. No capítulo 'Linguagem e Sociedade', Lévi-Strauss (1967, p. 77) afirma que

Comparadas à linguagem, as regras de casamento formam um sistema complexo do mesmo tipo que esta, porém mais grosseiro, e onde um grande número de traços arcaicos, comuns a ambos, se encontra certamente preservados.

Nas palavras de Ungar (2004, p. 159),

Lévi-Strauss's remarks of 1945, 1961 and 1973 cast linguistics as the most highly developed among the social sciences, and one to which anthropologists and others might aspire in order to renovate the social sciences much in the way that nuclear physics had renovated the physical ('exact') sciences⁶.

De acordo com Puech (2004), a última fase do estruturalismo é marcada por edições críticas em relação aos manuscritos saussurianos que estavam guardados na Biblioteca Pública de Genebra. Nessa fase, Puech (*idem*) destaca os trabalhos de Godel (1957) e os de Mauro (1974). Além disso, outros manuscritos são retomados nesse período, como os que tratam das pesquisas sobre lendas e sobre os anagramas nos poemas latinos. Nas palavras de Puech (*idem*), esse retorno a Saussure, mediado pela publicação e crítica dos manuscritos, ocorrerá até o final do século XX, com os trabalhos de Bouquet (1997), Fehr (2000), entre outros.

Conquanto alguns estudos apontem que Saussure, em sua obra, excluiu aspectos como sujeito falante, a influência dos movimentos históricos e culturais, ou, de certo modo, deixou outros pouco elaborados, aqui entrevemos que a difusão do seu pensamento serviu de degrau não somente aos estudos

⁶ **Tradução nossa:** Os comentários de Lévi-Strauss nos anos de 1945, 1961 e 1973 projetam a linguística como a disciplina mais desenvolvida entre as ciências sociais, na qual antropólogos e outros estudiosos deveriam aspirar, a fim de renovar as ciências sociais da mesma forma que a física nuclear renovou as ciências físicas 'exatas'.

linguísticos, mas às ciências humanas, aos estudos antropológicos, filosóficos, psicanalíticos e outros, em que percebemos a continuação desta noção de estrutura, isto é, de um sistema em constante funcionamento, seja ele por meio da linguagem, como um todo, seja ele por meio de um funcionamento interno, a própria língua.

Considerações Finais

As questões aqui formuladas buscaram expor, de modo geral, como a noção de estrutura esteve presente desde os estudos gregos, sendo transformada e re-elaborada a partir do pensamento saussuriano, chegando a constituir uma escola teórica, o Estruturalismo do século XX. Além disso, pontuamos como esta escola, décadas após a morte de Saussure, outorgou a este linguista o *status* de seu fundador, a partir da noção de estrutura, que, como vimos, permeia, implicitamente, toda a concepção saussuriana sobre a língua, exposta no *CLG*.

Embora a noção de estrutura perpassasse os estudos clássicos da Grécia Antiga, a revolução saussuriana é vista por alguns autores a partir do ponto de que Saussure não apenas repete essa noção, mas a demonstra a partir do funcionamento sistêmico permitido pela observação sincrônica da língua.

Assim, ainda que Saussure não tenha explicitado o termo *estrutura* no *Curso de Linguística Geral*, isso não impediu que o termo *estruturalista* fosse cunhado aos seguidores de seus passos e também difundido após a segunda metade do século XX. Esta nomeação foi útil, como se faz nos estudos científicos, para estabelecer pontos de contato entre as áreas do conhecimento. Entretanto, neste percurso teórico, independente das correntes teóricas aqui expostas, nota-se que a língua/linguagem ultrapassa seus próprios limites e se altera, imperceptivelmente, em novos elementos diferenciais, nas relações que o sistema permite a seus falantes.

Deste modo, quaisquer que sejam as noções de estrutura produzidas nos estudos sobre a língua(gem) na linguística, é possível considerarmos que, desde os gregos até toda a difusão teórica desencadeada por Saussure, estas noções são um resultado de uma incansável busca, feita por estudiosos de diversas áreas, em compreender a linguagem humana, sua natureza e funcionamento.

Referências

BOUQUET, Simon. (1997). *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Bibliothèque scientifique Payot.

COSTA, Marcos Antonio. (2009). *Estruturalismo: Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto.

DUCROT, Oswald. (1970). *Estruturalismo e Linguística*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix.

FALK, Julia S. (2004). *Saussure and American linguistics: The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press.

FEHR, Johannes. (2000). *Saussure entre Linguistique et Sémiologie*. Traduit de l'allemand par Pierre Caussat. Paris: Presses Universitaires de France.

GODEL, Robert. (1957). *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. Geneva: Droz.

ILARI, Rodolfo. (2004). *O Estruturalismo Linguístico: alguns caminhos*. In: Introdução à Linguística 3 – Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez.

LACAN, Jacques. (1985). *O Seminário. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, livro 11*. Tradução de M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LÉVI-STRAUSS, Claude. (1967). *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (2009). *Conceitos de Gramática: Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto.

DE MAURO, Tulio. (1974). *Cours de Linguistique Générale: Édition critique*. Paris: Payot.

PAVEAU, Anne-Marie; SARFATI, Georges-Elia. (2003). *As grandes teorias da Linguística – da gramática comparada à pragmática*. Tradução de Rosário Gregolin et al. São Carlos: Clara Luz.

PECHÊUX, Michel. (1998). *Sobre a (Des-) construção das Teorias Linguísticas*. In: *Línguas e Instrumentos Linguísticos*. Campinas: Pontes Editores.

PLATÃO (427-347 a.C.). (1988). *Platão Diálogos - Teeteto-Crátilo*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: Universidade Federal do Pará.

PUECH, Christian. (2004). *Saussure and the structuralist linguistics in Europe: The Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press.

SAUSSURE, Ferdinand. (1973). *Curso de Linguística Geral [1916]*. Tradução de Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.

SILVEIRA, Eliane. (2009). *A teoria do valor no Curso de Linguística Geral*. Uberlândia: Letras & Letras.

UNGAR, Steven. (2004). *Saussure, Barthes and the structuralism: the Cambridge Companion to Saussure*. Cambridge: Cambridge University Press.